



Octavio Paz, biógrafo*

Horácio Costa

De um século para cá, gerações sucessivas de intelectuais latino-americanos vêm buscando em nosso passado coletivo as origens de processos que ainda estão em marcha e que caracterizam nosso presente. Grande estudioso da vida mexicana e intelectual de livre trânsito em praticamente todas as áreas do conhecimento atual, o poeta Octavio Paz – cuja obra inclui peças fundamentais na poesia contemporânea latino-americana como *Piedra de sol* (1957), *Blanco* (1966) e *Pasado en claro* (1974) – faz com que sua produção poética reflita-se, enriqueça-se e seja complementada em seus ensaios. Já em *Laberinto de la soledad* (1950), Paz inquiria o *ethos* mexicano, a natureza psicológica de seu concidadão, e criticava o sistema político (“piramidal”) sob o qual vivem. A este livro foi adicionado *Posdata* em 1970, escrito flamejantemente à sombra do Massacre de Tlatelolco, e as questões ideológicas levantadas na década de 60 maduraram em *El ogro filantrópico* (1979), que reúne seus ensaios de tonalidade política elaborados ao longo dos anos 70. Paralelamente, a excelência de sua produção crítico-literária se impôs através de obras como *El arco y la lira* (1956) e *Los hijos del limo* (1974), em que Paz analisa o entrecruzar de influências e as constantes da lírica poética que vêm de Blake a Pound e de Nerval a Pessoa até nossos dias. Nestas obras, Octavio Paz termina por nomear a prática poética moderna como “outra religião”, em face do descenso das formas religiosas tradicionais, e como “revolução original” em relação aos movimentos políticos revolucionários de nossa época.

Sor Juana Inés de la Cruz o las trampas de la fe, extensa biografia da monja e poetisa mexicana do período colonial, é sua obra mais volumosa⁽¹⁾. Nela vemos coincidir todas as linhas da produção paziana, numa narrativa que carrega informações que vão da psicologia ou da economia à mitologia e da astronomia à teologia e à organização social e política, além de considerar a produção literária de então em ambos os lados do Atlântico, num projeto de resgatar a *forma mentis* da Nova Espanha de finais do século XVII, justamente no ocaso da dinastia Habsburgo e no momento subsequente ao estancamento do *Siglo de oro*.

Coerentemente com sua produção anterior, caracterizada pela abrangência dos tópicos tratados e pela audácia no estabelecimento de relações ou analogias interdiscursivas ou textuais, nesta biografia Paz não se limitou nem à descrição da vida da biografada nem ao mero levantamento histórico de marcos referenciais que facilitassem o trabalho do leitor. Como veremos mais adiante, a vida, a obra e a crise de Sor Juana tomam-se exemplares para a definição do intelectual latino-americano – ou, mais amplamente ainda, de todo o intelectual frente ao poder e ao dogma.

Carece acrescentar que a escritura mesma da obra também apresenta um caráter unificador, desta vez entre prosa e poesia, tão cheio de puros brilhos poéticos está pontilhado o texto. *Sor Juana Inés de la Cruz o las trampas de la fe* é um esforço de reconstituição verdadeiramente enciclopédico em que interagem um ser individual em face do “Teatro do Mundo” e seu biógrafo em face deste nosso mundo atual, numa estrutura que privilegia enfoques em torno da ideologia e da poesia. Mas vamos por partes.

Juana de Asbaje, ou Juana Ramírez (1648-1695), nasceu naturalmente de uma *criolla* com um suposto cavaleiro basco, num povoado do Vale do México. Desde pequena demonstrou um extraordinário pendor pelas coisas do intelecto. Em sua *Respuesta a Sor Filotea de la Cruz*, de

HORÁCIO COSTA é professor de Literatura Brasileira na Universidade Nacional do México (UNAM), ensaísta e poeta, autor de *Satori* (Editora Iluminuras)

Sor Juana Inés de la Cruz o las trampas de la fe, Octavio Paz. México, Fondo de Cultura Económica, 658 pp.

* O presente texto foi publicado originalmente no “Semanario Cultural” de *Novedades*, México, em 16 e 23 de julho de 1983.

¹ *Sor Juana Inés de la Cruz o las trampas de la fe*. México, Fondo de Cultura Económica, 1ª ed., out./1982, 658 p.

1691 – que se constitui num dos mais impressionantes documentos escritos sobre a condição do intelectual e da mulher no período colonial – ela mesma nos conta o processo árduo que lhe foi, sem mestre, ter podido estudar. Aprendeu a ler recebendo aulas de favor, com os irmãos mais velhos. Como a Universidade do México não aceitava mulheres, suplicou à mãe que lhe enviasse às classes vestida de homem. Em vez disso, esta mandou-a à capital, a cargo de uns parentes ricos que, por sua vez, lhe conseguiram uma posição de dama de honra da vice-rainha. Sem fortuna familiar que lhe garantisse um bom casamento, “só no mundo”, dependendo de poderosos que se cambiavam ciclicamente, não lhe coube outra alternativa para que pudesse proceder ao exercício da vida intelectual e se dedicasse à escritura poética – como frisa Paz – que dedicar-se à vida religiosa. Para conseguir um dote que lhe permitisse ingressar no Convento das Jerônimas – cujas regras eram proporcionalmente mais liberais que as das demais ordens – a menina Ramírez se empenha em Palácio para que sua inteligência lhe renda esta graça. Professou aos 21 anos, deixando atrás de si já estabelecida uma reputação de “prodígio”, válida não apenas pela aceitação obtida por seus primeiros poemas cortesãos na *entourage* do casal vice-real, como também por um famoso questionário que o vice-rei, marquês de Mancera, havia organizado entre sua protegida Juana e 40 “sábios” de então (à imagem, note-se, do acontecido com Santa Catarina de Alexandria).

Sor Juana nunca rompeu seu vínculo com o século – muito pelo contrário. Nas administrações seguintes à do marquês, seu prestígio nunca cessou de crescer, a ponto dela ocupar uma posição de poetisa semi-“oficial” da corte vice-reinal por quase 20 anos. Seus autos eram populares, suas comédias eram representadas na corte e seus *villancicos*⁽²⁾, cantados em cidades tão afastadas quanto Puebla ou Oaxaca. Ao longo de sua vida, praticou quase todas as formas poéticas em voga. “Fênix da América”, “Décima Musa”, etc., dela se dizia que se correspondia com meia Espanha (e Portugal), e sua biógrafa americana Dorothy Schons assinala sua capacidade administrativa e seu tino para matérias financeiras⁽³⁾. Paz sugere que sua biblioteca era formada por 1.500 volumes, onde, ao lado de exemplares da literatura clássica e da ibérica, contavam-se muitos outros versando sobre mitologia, astronomia ou as ciências herméticas. Como vemos, a multiplicidade de interesses da biografada exigia um biógrafo capaz de, com eruditismo, cobrir o universo de informações existentes no século XVII, levando em consideração as limitações impostas pelo império espanhol com relação à atualidade européia em primeiro nível e, em segundo, sabendo avaliar o processo dessas mesmas informações ao se verificar sua migração transatlântica. Sor Juana colecionava aparelhos técnicos e era apaixonada pela música, pela acústica e se dedicava a toda sorte de especulações científicas. Como era de se prever, a base filosófica que lastreava suas obras e especulações repousava menos na teologia ou na mundividência ortodoxamente católicas que em linhas de pensamento paralelas – que, como assinala Paz, através de operações sincréticas mormente devidas aos jesuítas, penetravam ou tangenciavam o credo católico e assomavam ao *corpus* teológico de então – como o neoplatonismo e o hermetismo. Estes, como é sabido, haviam sofrido uma interação grande durante todo o renascimento e estavam em plena floração – que logo seria abortada pelo advento do racionalismo – na idade barroca.

Foi por iniciativa da condessa de Paredes, mulher do vice-rei, marquês de la Laguna, sucessor do marquês de Mancera, que dois tomos das obras de Sor Juana foram editados em Sevilha enquanto a monja ainda vivia. O segundo volume (de 1692) é o mais importante de ambos, congregando-se nele a publicação de *Primero sueño* (ou *El sueño*, simplesmente) – largo poema que se constitui em sua obra-prima indiscutível, ao qual voltaremos mais adiante – e da *Carta atenagórica* (ou *Crítica*) – refutação a um sermão do Padre Antônio Vieira que, como veremos a seguir, funcionou como detonador do desgraçamento político de Sor Juana junto à hierarquia eclesiástica mexicana –, além de outras obras tais como autos sacramentais, “comédias”, sonetos. Entretanto, *Fama e obras póstumas* (1700) é onde vem publicada pela primeira vez a *Respuesta a Sor Filotea de la Cruz*, já referida e sobre a qual nos estenderemos mais adiante – que expressa uma defesa intelectual da monja às críticas oriundas do impacto com que a *Carta atenagórica* foi recebida – ao lado de uma reimpressão de *El sueño*.

O antibarroco século XVIII relegou ao ostracismo toda a produção de Sor Juana – juntamente com a daquele que se constituiu em sua maior influência, Don Luís de Góngora – e apenas em 1873, com a publicação em Quito de *Obras selectas*, tem início sua recuperação literária. Em breve o oficialismo endêmico dos países latino-americanos tratou de anodizá-la, e uma intangível heróina nacional foi construída pela historiografia oficial mais à imagem “santificadora” que seu biógrafo eclesiástico contemporâneo, Padre Diogo Calleja, traçara, que consoante uma apreciação crítica de sua obra – como a de Octavio Paz. Hoje, por exemplo, o retrato de Sor Juana por Miguel Cabrera – sobre o qual ela escreveu um dos mais belos sonetos da língua castelhana

2 Diz o *Real Diccionario de la Lengua Española* (Madrid, 19ª ed., 1970): “villancico (de villano) m. Composición poética popular con estribillo, y especialmente la de asunto religioso, que se canta en Navidad y otras festividades”.

3 “Some obscure points”, Dorothy Schons, in *The life of Sor Juana Inés de la Cruz*; in *Modern philology*, nov./1926, cit. por Octavio Paz, *op. cit.*, p. 106.



Banco de Dados

Sor Juana, em retrato de Miguel Cabrera

(Este que ves, engaño colorido,/ que del arte ostentando los primores,/ con falsos silogismos de colores,/ es cauteloso engaño del sentido,/ (...))⁴, vem impresso como effgie nas notas de mil pesos atuais. Não é difícil compreender que o livro de Paz seja também o resultado de uma intenção de desalienar esta figura fundacional da sociedade mexicana, expondo-a o mais possível à nossa compreensão.

Na primeira parte do livro, Paz elabora um levantamento do estado da Nova Espanha no século XVII, como um preâmbulo necessário para situar Juana Ramírez. O biógrafo constata e interpreta sucessivamente os traços basilares do Vice-Reino, a começar pela "excentricidade" que o singularizou com relação aos demais congêneres europeus que faziam parte do império espanhol: o Milanês, o Franco-Condado, o Portugal da União Ibérica, etc. Além do enorme legado que significou a existência de um universo pré-colombino estruturado, institucionalmente a diferença maior era dada pela inexistência das cortes, organismo aglutinador da União Espanhola, ao passo que sócio-economicamente a especificidade da condição colonial traduzia-se pelo surgimento de uma classe *criolla* – a dos descendentes americanos dos conquistadores, à qual pertencia Sor Juana – que já no XVI se havia insurgido contra a metrópole e se constituía em embrião da consciência nativa. Utilizando-se da definição weberiana do sistema de governo patrimonial (*el gobierno concebido como una extensión de la casa real e dominación de uno, ayudado por sus servidores y allegados*), Paz deixa claro que ao escrever sobre o século XVII tem como alvo inclusivo ao nosso próprio: "Pluralismo" (entre as diferentes instâncias administrativas da colônia), *patrimonialismo y equilibrio de fuerzas*: (entre Igreja e Estado), *ningún virrey de Nueva España tuvo el poder que tiene el Presidente de México*.

A capacidade sintetizadora e a acuidade do raciocínio analógico de Paz surpreendem ao leitor, seja na forma apontada acima, seja numa outra mais sutil, quando sua escritura passa por um processo mimético com relação ao conteúdo tratado. Na primeira parte do livro nos inteiramos que o barroco é "salto congelado" – e na medida que a leitura avança e este procedimento se intensifica, nós leitores a ele nos permeabilizamos crescentemente. Na segunda parte do livro, já iniciada a biografia de Sor Juana, Paz, literalmente de um verso, nos leva ao universo. *Sílabas las Estrellas Compongan*, linha de um romance decassílabo que a monja envia à condessa de Paredes em louvor à sua beleza (*Lámina sirva el cielo al retrato, /Lsida, de tu angélica forma:/cálamos forme el Sol de sus luces:/sílabas las estrellas compongan.*)⁵, torna-se nome de um capítulo em que o foco central será a relação magnética que o ato de ler exerce na psicologia da menina Ramírez. Numa tirada de ressonâncias mallarmenianas, Paz compara as letras impressas na página com a projeção da esfera celeste entre as mãos daquele que lê – são leite astral destilado, suco da Via Láctea de que se embebe o leitor, no caso a jovem Juana. *La leche primordial se transforma en vocabulario, el cielo estrellado en un lenguaje; las gotas de la leche estelar son sílabas que escriben nuestro destino*: numa operação essencialmente poética, Paz dimensionaliza a leitura como um ato cósmico. Se antes falamos de sua intenção de desmistificar através de um livro a um personagem histórico por demais "oficializado", aqui nos deparamos com uma tentativa mais básica de desalienação que nos toca em nossa identidade de leitores – a de revisão ontológica do próprio ato de ler.

Numa personalíssima abordagem, o biógrafo relaciona o vazio homoerótico infantil na vida da biografada, ocasionado pela ausência do pai – figura fulcral numa sociedade tão marcadamente patriarcal quanto a novo-hispana – como um dos motores de sua paixão pelas letras. Aqui, a sublimação, *el sexo* (o impulso homoerótico infantil não-realizado) *convertido en saber*. Transitar pelo território escrito será ocupar/velar com ele os possíveis de um ser ausente. Por outro lado, e simplificando o ponto de vista paziano, apossar-se do discurso escrito (numa sociedade tremendamente oral) equivaleria exercitar-se num espaço exclusivo do sexo oposto e masculinizar-se torna-se condição necessária para a sobrevivência intelectual numa sociedade essencialmente masculina. Considerando estes dois fatores, resulta fácil compreender a componente que hoje interpretamos como homossexual na poesia de Sor Juana, traço este que se manifesta acentuadamente em suas loas e em seus romances – como o acima citado – dedicados à marquesa de Mancera e à condessa de Paredes, vice-rainhas da Nova Espanha, sendo esta última, como dissemos anteriormente, a responsável pelas edições das obras de Sor Juana em Sevilha.

A conjuntura que permitia expressão destes sentimentos amorosos pela monja mexicana é amplamente analisada por Paz ao longo do livro, principalmente na terceira e quarta partes. É formada tanto pelo fenômeno cortesão (a corte é vista como *un ballet de pasiones humanas*) e um dos seus sucedâneos, o amor cortês – tema que dá ensejo a Paz a discorrer sobre o desdobramento da lírica amorosa no universo ibérico-provençal – quanto pelo pensamento neoplatônico, que se afirma na Península ecoando o labor das academias italianas do renascimento. Além disso, a influência da poesia italiana – do formalmente rigoroso e amorosamente idealizador *Dolce Stil*

4 In *Obras Completas*, Sor Juana Inés de la Cruz, Prólogo de Francisco Monterde, México, Ed. Porrúa, 4ª ed., 1977, p.134 ("Sonetos Filosóficos-Morales", nº 145, *Procura desmentir los elogios que a un retrato de la poetisa inscribió la verdad, que llama pasión*).

5 In *Obras completas*, Sor J. I. de la Cruz, *id.*, *ibid.*, p.79 ("Romances Decasílabos", nº 61, *Pinta la proporción hermosa de la excelentísima Condessa de Paredes, con otra de cuidados, elegantes esdrújulos, que aún le remite desde Méjico a Su Excelencia*).

Nuovo de Guido Cavalcanti e Francesco Petrarca –, levada à Espanha por Garcilaso de la Vega e seu amigo português Sá de Miranda, chega a Sor Juana obliquamente, através de sua leitura dos mestres espanhóis do *Siglo de oro* (Lope de Vega, Quevedo, o já citado Luís de Góngora, entre outros).

Como diz Paz, Sor Juana *vivió entre sombras eróticas*. Este platonismo é visto à luz da filosofia de Marsilio Ficino, cunhador da expressão "amor platônico" e predicador do elemento contemplativo em qualquer relação amorosa. Para ele – e também para Sor Juana, que sem o ter lido mantém com ele muitos pontos de similaridade – o amor era uma comunhão de dois "corpos etéreos", necessariamente assexuados, daí jamais ser o amor sensual ou sexual. A teoria platônico-amorosa de Ficino, ao contrário do amor cortês, implica em reciprocidade na medida que supõe a correspondência do amor divino com o humano, abarca manifestações como a caridade e a amizade e possibilita a união anímica de pessoas do mesmo sexo. Sor Juana escreveu à condessa de Paredes: *Ser mujer, ni estar ausente, no es de amarte impedimento; pues sabes tú, que las almas/distancia ignoran y sexo*⁽⁶⁾.

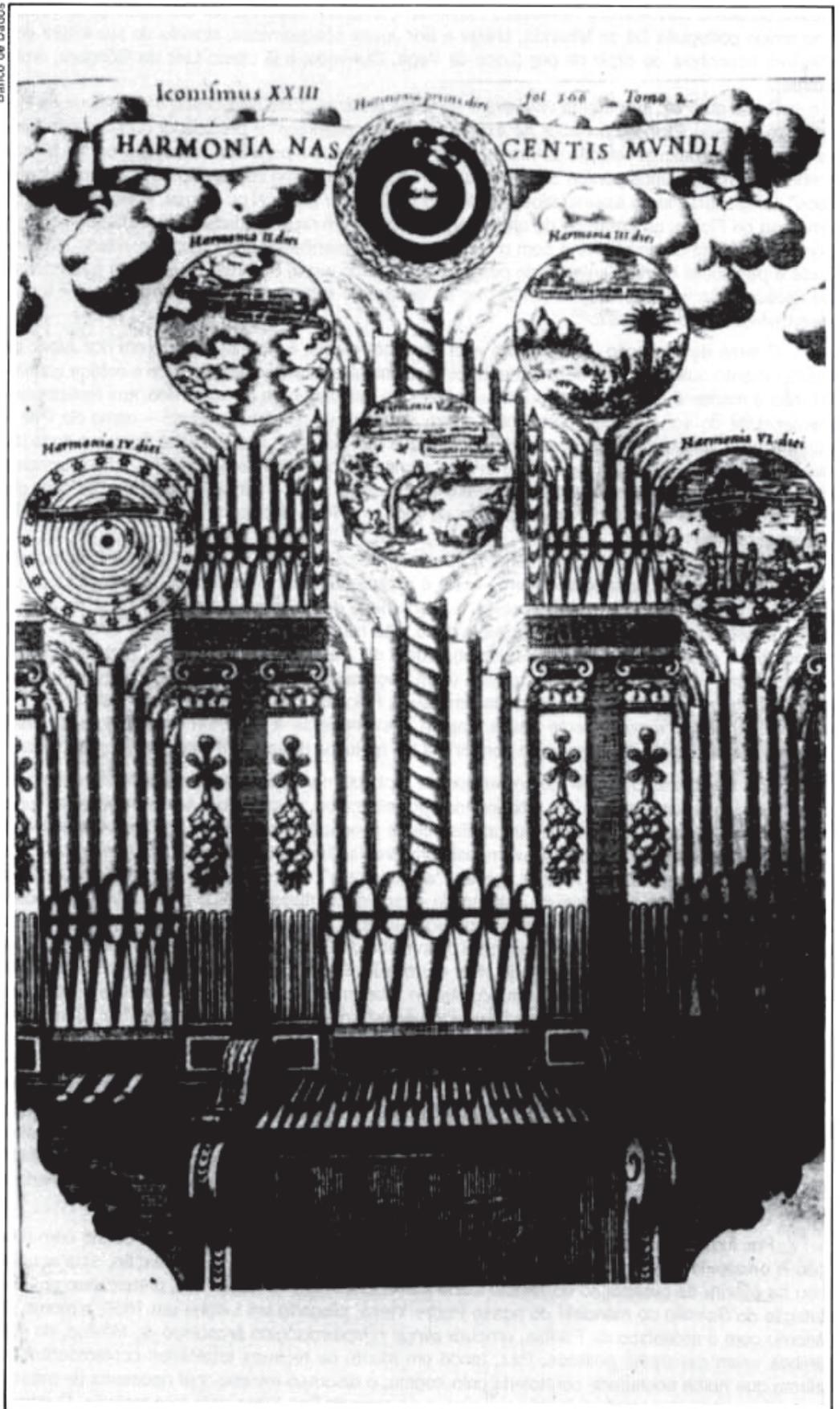
O tema da migração – ou viagem – da alma, entretanto, é mais associado em Sor Juana ao conhecimento que ao amor. Se a vertente platonizante é dorsal na tradição lírica e erótica ocidental, não é menos a componente apontada acima com relação ao discurso onírico, aos temas complementares do sono e do sonho dentro e fora do discurso poético. Ademais – como diz Paz – platonismo e viagem anímica são noções afins, que têm por base a imobilidade física e a agitação espiritual. É nesta tradição, de remota origem xamânica, que se insere *El sueño*. Absolutamente de acordo com sua posição crítica, expressa em *El arco y la lira* e principalmente em *Los hijos del limo*, de que toda tradição é uma tradição de rupturas, Paz, depois de dissertar sobre aquela, aponta as últimas.

Em primeiro lugar, diferentemente do *Somnium* de Cipião ou da *Divina comédia*, no poema de Sor Juana não há uma personagem – esta é a alma humana, sem características de idade ou sexo. Em segundo, não se dá no poema a intervenção de um demiurgo – o ascenso da alma à esfera celeste se faz por ela mesma. Além disto, não há "revelação" de nenhuma sorte ao longo do processo de *anabasis* (viagem espiritual). Como diz Paz, este processo leva antes a *la visión de la no-visión* – aqui, uma valente ruptura e um traço original de modernidade. Finalmente, a viagem não chega a um fim – não encontra um "alvo". Pelo contrário, interrompe-se: a alma, como o mitológico Faéton, simplesmente cai; a viagem desvanece-se e – no terceiro movimento deste grande poema, depois do dormir e do sonhar – a luz matutina desponta e o corpo recupera o dia.

Paz classifica *El sueño* como um poema racional, contrapondo-se aos críticos anteriores que nele sempre enfatizaram um embrião surrealismo ou, pelo menos, nele sempre viram uma anormal manifestação do instinto. Sua análise deste poema é verdadeiramente uma exegese – de suas fontes, por um lado, que nos levam mais uma vez ao hermetismo, ao *corpus hermeticum* que inspirou o Padre Anastasio Kircher, jesuíta "egiptologista" que exerceu forte influência em Sor Juana, ou nos levam às lindes da astronomia e da ciência física, quando o biógrafo contrapõe o desejo de liberação intelectual e espiritual de Sor Juana às informações disponíveis então, estando a monja novo-hispana cerrada no universo ptolomaico da Contra-Reforma em plena Era Moderna, ignorando Descartes, Kepler e Leibniz. Por outro lado, Paz procura penetrar na estrutura mental da poetisa: o poema passa a ser uma *confesión intelectual*, em que o credo católico está quase totalmente ausente; constitui-se num "obelisco verbal" em que a alma o mais possível liberada mira de frente ao Cosmos, até aterrorizar-se, acovardar-se. Octavio Paz frisa que *El sueño* não tem fim, que, ao terminar, interroga-se (um paralelo interessante pode ser traçado entre a poesia da biografada com a do biógrafo: *Piedra de sol* e *Blanco* são poemas circulares que prevêm repetição; são poemas que voltam-se sobre si mesmos). Numa penada, Paz descarta a interpretação tradicional que classificava o poema de Sor Juana como caso típico do barroco e espanholíssimo *desengaño* – tônica do *Siglo de oro* e das *Soledades* de Luís de Góngora. (*El sueño*) *es irreductible a la estética de su tiempo*, afirma Paz, dizendo que o poema *se parece a Le cimetière marin* y, en el ámbito hispano, a *Muerte sin fin* y Altazor.

Por tudo o que foi dito anteriormente, fica clara a incompatibilidade de Sor Juana com relação à ortodoxia católica. Embora ela sempre tivesse querido evitar a confrontação, esta aconteceu na esteira da publicação do folheto *Carta atenagórica*, em 1690, em que, pretextando uma refutação do *Sermão do mandato* do nosso Padre Vieira, pregado em Lisboa em 1650, a monja, de acordo com o arcebispo de Puebla, procura atingir o hipermisógino arcebispo do México, do qual ambos eram desafetos políticos. Paz, tendo em mente os regimes totalitários contemporâneos, afirma que numa sociedade controlada pelo dogma, o discurso excepcional necessita de máscaras para contornar a ideologia todo-poderosa, e no caso de Sor Juana esta foi a teologia. O enredo

6 In *Obras Completas*, Sor J. I. de la Cruz, *id.*, *ibid.*, p. 26 ("Romances", nº 19, *Puro amor, que ausente y sin deseo de indecencias, puede sentir lo que el más profano; estrofe 28*).



"A harmonia da criação do mundo", de Athanasius Kircher

da *Carta atenagórica* é praticamente inacessível para o leitor atual, tantas são as demonstrações de eruditismo e as sutilezas da interpretação de assuntos sacros. Não obstante, esta foi a gota d'água que fez verter toda a ira do *establishment* eclesiástico sobre Sor Juana, que neste momento se encontrava desprotegida pelo poder temporal – o marquês de la Laguna morrera recentemente na Espanha. As críticas chegam de todos os lados e centralizam-se numa "recomendação": que Sor Juana abandone as letras profanas pelas sagradas, que de uma vez por todas afine-se com a ortodoxia.

Sor Juana demora quatro meses para refutá-las com a *Respuesta a Sor Filotea de la Cruz*, pseudônimo do arcebispo de Puebla que a abandonara neste momento, regressando a uma posição neutral. Paz não hesita nos elogios a esta obra – classifica-a de "complemento de *Primero sueño*", diz que ela é uma defesa sem precedentes e sem continuadores dentro das letras hispânicas: defesa do saber, do versificar, do sexo feminino e das letras profanas, além de um exame de consciência onde ressaltam a honestidade e a lucidez.

Como foi apontado atrás, na *Respuesta* Sor Juana traça um panorama autobiográfico. Seus esforços intelectuais, seus métodos para autodisciplinar-se, suas mortificações para suportar as intromissões das demais companheiras conventuais vêm corajosamente à tona. Nesta obra, esperando aplacar seus perseguidores, Sor Juana afirma que seu interesse pela ciência e pelo estudo das letras profanas tinha um único objetivo: melhor aceder às Santas Escrituras, melhor capacitar-se para o estudo da teologia, já que ela se confessa incapaz de penetrar em seu universo de sutilezas. Como era de se prever, esta postura apenas acirra mais o antagonismo da hierarquia com relação a ela. Quando defende seu sexo, enumera *mulheres doctas*, entre as quais a portuguesa duquesa de Aveiro, a rainha Cristina da Suécia (que teve Descartes como preceptor) e, ironicamente, a Hipatia de Alexandria, despedaçada pelos fanáticos cristãos na biblioteca daquela cidade no ocaso do império romano. Mas contra Sor Juana pesa o postulado de São Paulo – *Mulieres in ecclesiis taceant*, as mulheres devem calar nas igrejas. Para ter uma idéia do furor do assédio de que é vítima, criticam-na mesmo por sua boa caligrafia, muito mais aceitável num homem que numa representante do sexo frágil.

Sua última manifestação de independência é constituída pelos *villancicos* em honra a Santa Catarina de Alexandria – que, como dissemos, foi bem-sucedida num questionário feito por 40 sábios – cantados na catedral de Oaxaca em 1691:

De una mujer se convencen
todos los sabios de Egipto
para prueba de que el sexo
no es esencia en lo entendido.
Víctor, Víctor!
Prodigio fue, y aún milagro;
pero no estuvo el prodigio
en vencerlos, sino en que
ellos se den por vencidos.
Víctor, Víctor!⁽⁷⁾

Em 1693, Sor Juana abjura. Num documento assinado com o próprio sangue, ela estipula haver *ofendido a Dios* e reitera seu credo na Igreja Católica Romana e na Imaculada Conceção de Maria. Entretanto, nesta abjuração – publicada em *Fama y obras póstumas* – frisa Paz que *no hay una sola declaración en la que Sor Juana renuncie formal y expresamente a las letras*. Terá sido uma forte dose de consciência intelectual, sobrevivente ao assédio, que lhe ditou esta ausência que configura uma presença: a da livre expressão do pensamento na forma escrita. *In absentia*, em sua abjuração consta sua verdadeira religião, sua mais pessoal profissão de fé: o exercício da poesia, da escritura, a reiteração de sua própria excepcionalidade – traço característico, conforme Paz em *Los hijos del limo*, da modernidade.

Paz diz: *La palabra seducción, que tiene resonancias a un tiempo intelectuales y sensuales, da una idea muy clara del género de atracción que despierta la figura de Sor Juana Inés de la Cruz*. O biógrafo pergunta-se como é possível que à monja desafiante de 1691 suceda a penitente de 1693. Qual não teria sido a pressão exercida, quais não seriam os motivos internos – as fissuras – de Sor Juana, que teriam levado a esta transformação radical? Ficamos sabendo que na última etapa de sua vida *el ejercicio mismo de la poesía se volvió una actividad pecaminosa, el sentimiento de disgusto se transformó en odio de si misma*.

Seu confessor – Padre António Núñez de Miranda, consultor do Santo Ofício, de férreo caráter e ferrenho adepto do uso do cilício como equanimizador de seus humores – teve um papel

7 In *Obras completas Sor J. I. de la Cruz*, *id.*, *ibid.*, p. 286 (Villancicos, "Santa Catarina", 1691, Villancico VI, nº 317).



Fachada do antigo convento de São Jerônimo, agora sede do claustro de Sor Juana

fundamental em sua "conversão". *Como los militantes revolucionarios del siglo XX, que buscan ganar adeptos sin pensar mucho en los medios para conseguirlos, el Padre António veía en cada ser humano a un prosélito o a un réprobo. Unos y otros, los militantes revolucionarios y los de la fe, desdeñan en el fondo la libertad y el albedrío de la persona*, afirma Paz uma vez mais aproximando dois tempos históricos nos quais, travestida, incide a mesma estrutura dogmática baseada na ignorância e na intolerância. Para Paz, teologia (ortodoxia religiosa) e ideologia (política revolucionária) são duas faces da mesma moeda – fenômenos organicamente afins. O Padre Núñez de Miranda soube explorar exemplarmente as contradições internas de Sor Juana: monja e intelectual, dividida entre a profissão de fé religiosa e a sua vocação pelas letras, vaidosa "luminária" que entretanto se havia obrigado aos votos de humildade, amante potencial de seres humanos embora forçosamente esposa de Jesus Cristo, fabricadora de "objetos verbais" (assim Paz caracteriza as poesias cultistas barrocas baseadas no engenho e no artifício) que reconditadamente esconderia um resíduo de culpabilidade por não dedicar-se ao estudo bem-comportado das Escrituras. Ou a calar, conformemente ao hábito. São estas *las trampas de la fe*.

Os três anos finais da vida de Sor Juana coincidem com uma extrema penúria alimentar, com sinais de revolta social e com o advento de uma feroz peste que dizimou o Vale do México. Quando de sua abjuração, ela já se havia desfeito, entregando-os para o arcebispo do México, de todos os seus livros e instrumentos científicos e musicais. Sobraram-lhe – ou será que lhe foram recomendados manter? – três livros pios. Sobrou-lhe também a mais cristã das qualidades: a caridade. Acudindo às últimas conventuais, contraiu a doença e morreu em dois dias. Estes e outros detalhes – ensina Paz – ficamos sabendo através da biografia santificadora que a Igreja encomendou ao Padre Calleja. Como dissemos anteriormente, há mais de um século se vem processando a recuperação de Sor Juana. Há quase três de sua morte, o livro de Octavio Paz vem acrescentar a mais valiosa contribuição ao processo.

Como Faéton – modelo de *El sueño*, jovem mito que é castigado por Apolo ao tentar o voo – Sor Juana *eternizó su nombre en su ruina*. Entre ela e seu mundo – resume o biógrafo – havia uma contradição insalvável. Seu mundo era, para os padrões da época, a indiscutivelmente próspera, suficientemente culta e altamente organizada Nova Espanha – uma sociedade suicida pois que fechada ao futuro e à transformação, uma vez que ancorada no dogma que faz passar universo e humanidade pelo buraco de uma agulha. Um dos maiores méritos de *Sor Juana Inés de la Cruz o las trampas de la fe* é justamente alertar-nos para este funesto traço que permeia a história, contando para tanto com um excelente arsenal de informações acadêmicas e uma total acuidade na escolha das fontes.